COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Generalidades sobre Dante : a «Vita Nuova» e as «Rime Petrose»

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Generalidades sobre Dante : a «Vita Nuova» e as «Rime Petrose»", *Colóquio/Letras*, n.º 166/167, Jan. 2004, p. 309-313.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

51

GENERALIDADES SOBRE DANTE

A «Vita Nuova» e as «Rime Petrose»

VAMOS hoje começar a falar de Dante; e comecemos por algumas generalidades, que não são decerto novidade para muita gente, mas que precisam de ser ditas.

Lembremos, antes de mais, que se trata de uma das maiores figuras da literatura universal de todos os tempos. No panorama da poesia europeia, não surgiu com efeito nenhuma outra, depois da morte de Virgílio, que nem de longe se lhe possa comparar; e, posteriormente, só um Shakespeare sem dúvida se lhe avantaja, e só um Camões, um Racine, um Goethe conseguem, sob certos aspectos, atingir a sua estatura ou, pelo menos, aproximar-se bastante dos altos cimos em que ela toca. Por outro lado, Dante é ainda — a par de Homero, de Shakespeare, de Cervantes, de Goethe — um dos cinco ou seis autores europeus a respeito dos quais mais largamente se tem escrito, contando-se por muitos milhares de títulos os trabalhos a ele consagrados. Isto equivale a dizer, por outras palavras, que constitui uma autêntica temeridade ou um atrevimento sem nome pretender falar dele apenas em três ou quatro emissões deste programa; mas, como vai tratar-se de uma simples «apresentação», espero que ficarei previamente desculpado das numerosas omissões, da impossibilidade de aflorar sequer alguns aspectos fundamentais, da inevitável «superficialidade» de quanto iremos aqui dizer.

Nascido em Florença, no mês de Maio de 1265, Dante Alighieri pertencia a uma família nobre, ou com prosápias de nobreza, embora, sem dúvida alguma, economicamente muito modesta. Pouco sabemos da sua infância e da sua adolescência além daquilo que ele próprio teve, mais tarde, o cuidado de relatar; e, nesse «relato» surge, como o acontecimento mais importante, o seu encontro com a jovem Beatriz — Beatrice Portinari —, de quem aliás nunca se aproximará, mas que será doravante a sua inspiradora e a cuja exaltação decide consagrar toda a sua vida. Com efeito, esse propósito de sublimação começará logo através das suas líricas juvenis e só terminará no último cântico da *Divina Comédia*.

Falámos em «exaltação» e em «sublimação»; mas poderíamos dizer que se trata de um verdadeiro processo de «canonização». Dante, na verdade, conduz às últimas consequências aquele princípio trovadoresco da «idolatria» da mulher amada. O movimento poético em que, na juventude, ele se integra — conhecido pela designação de «*dolce stil nuovo*» — é um movimento de inspiração provençal; e um movi-

mento que pretende realizar, em língua italiana, esse ideal de adoração perante a mulher, pregado e proposto pelos trovadores provençais. Foi o bolonhês Guido Guinizelli o iniciador deste movimento em Itália; mas foram toscanos — florentinos mesmo quase todos — os seus principais cultores: Guido Cavalcanti, Gianni Alfani, Lapo Gianni, Cino da Pistoia — e, acima de todos, o próprio Dante Alighieri.

O mais importante desta fase juvenil da actividade poética de Dante encontra-se reunido no volume *Vita Nuova* — cujo título (*Vida Nova*) significa simultaneamente esse período da juventude e a «vida nova» que a imagem de Beatriz lhe insuflou. É uma espécie de autobiografia — mitificada e um pouco mistificadora — em que ele narra as circunstâncias em que pela primeira vez viu Beatriz, as outras ocasiões em que voltou a vê-la, o momento em que a morte a arrebatou (tinha ela vinte e quatro anos) — e tudo isto a servir de ligação às várias poesias (sobretudo sonetos e canções) que em seu louvor escreveu e que ele trata de intercalar no texto, acompanhando-as de minuciosas explicações. É, por conseguinte, uma obra em prosa e verso e com o duplo interesse de nos apresentar curiosos elementos autobiográficos (ainda que francamente romanceados) e curiosos elementos autocríticos (embora francamente tendenciosos). Acrescente-se ainda que algumas das poesias datam, decerto, dos dezoito anos do autor e que o conjunto foi elaborado, o mais tardar, quando ele tinha vinte e sete. Quanto às poesias propriamente ditas, só muito a custo qualquer tradução poderá dar uma ideia aproximada daquilo que faz o seu maior encanto: os inesperados recursos de fluência e de harmonia, de que a língua italiana se mostra capaz, logo em fins do século XIII, quando utilizada por um poeta de génio. Os temas, em contrapartida, afiguram-se-nos um tanto monótonos: quase todos andam à volta do que se exprime nestas duas quadras de um dos sonetos:

Vê logo a salvação perfeitamente
quem minha dama entre as mais damas vê;
e quem a segue, então, desejos sente
de tais graças a Deus render mercê.

Tanta virtude sua b'leza ostenta
que nas outras inveja não se vê:
pois cada uma, ao vê-la, se ornamenta
de mais beleza ainda, e de mais fé.

Como documento autobiográfico a *Vita Nuova* mostra-se, no entanto, muito omissa em relação a vários pormenores... Ao escrevê-la, Dante *esqueceu-se*, por exemplo, de nos dizer que a sua apaixonada Beatriz tinha entretanto casado com outro homem; que ele próprio, Dante, tinha entretanto casado com outra mulher; e que muitos outros interesses, não só de carácter amoroso mas também de natureza política, também tinham, entretanto, dominado as suas atenções... Mas tudo

isto, é claro, extravasava do quadro do «*dolce stil nuovo*» e dos propósitos de «sublimação» que ele implicava. Nós é que não podemos, de qualquer modo, ignorar esses outros aspectos. Assim, referir-nos-emos, na próxima semana, à intervenção de Dante na vida política da Florença do seu tempo — até porque esse aspecto é fundamental para a compreensão do «espírito» da *Divina Comédia* — e, por hoje, aludiremos ainda a outros amores do poeta que não couberam, nem podiam caber, na moldura da *Vita Nuova*. Aliás, e segundo as melhores suposições, ser-lhe-ão mesmo, cronologicamente, um tanto posteriores...

Trata-se das *Rime per la Donna Pietra* (*Rimas para a Dama Pedra*), sobre as quais, nos últimos anos, a crítica dantesca se tem debruçado com particular atenção. Também conhecidas pelo nome de *Rime Petrose* (*Rimas Pedrosas*), foram em boa hora traduzidas para português — e excelentemente traduzidas — pelo poeta brasileiro Haroldo de Campos. São quatro composições, de forma rigorosíssima e extremamente culta, em que, segundo a opinião dominante, o poeta canta uma dama, «dura» como «pedra» (e que talvez até se chamasse Pietra); mas o seu principal objectivo é o de reunir as duas realidades — Mulher e Pedra — através do mais intricado jogo de ambíguas sugestões, para daí resultar um estranho ser híbrido — mistura de animal e de mineral — que justamente nos impressiona por ser, ao mesmo tempo, feminino e petrificado. Vamos, pois, apresentar (na referida tradução de Haroldo de Campos) a segunda composição desse ciclo; quanto à forma, trata-se de uma «sextina», complicada estrutura estrófica «inventada» pelo provençal Arnaut Daniel (em quem já aqui falámos) e composta por seis sextilhas em verso branco, cujas palavras terminais de cada verso se repetem depois segundo uma ordem especial. Neste caso, as palavras terminais dos seis versos da primeira sextilha (e que aparecem, a seguir, em todas as outras) são as palavras «sombra», «monte», «erva», «verde», «pedra», «dama» (em italiano: «*ombra*», «*colli*», «*erba*», «*verde*», «*petra*», «*donna*»). E aqui temos a sextina:

Ao dia escasso e ao grande anel de sombra
chego, afinal, e ao branquejar dos montes,
quando se desvanece a cor na erva:
meu desejo porém não muda o verde,
arraigado que está na dura pedra
que fala e sente qual se fora dama.

A ela semelhante a nova dama
está gelada feita neve à sombra:
que não a move, senão como pedra,
o tempo doce que acalenta os montes
e que os faz tornar de branco em verde
pois que de flores os recobre e de erva.

Quando ela cinge uma grinalda de erva,
tiro da mente qualquer outra dama:
porque se mescla o louro crespo ao verde
tão bem, que Amor lhe vem ficar à sombra,
o qual fechou-me entre pequenos montes
mais fortemente que a calcária pedra.

Tem sua beleza mais valor que a pedra,
e seu golpe curar não pode a erva:
que eu vou fugido por vales e montes
para poder furtar-me dessa dama;
brilho diante do qual não pode sombra
de muro, de colina, ou fronde verde.

Eu que uma vez a vi vestindo verde,
e de tal modo que infundira em pedra
esse amor que carrego à sua sombra:
onde eu a quis num belo prado de erva
enamorada, como jamais dama,
e fechado em redor por altos montes.

Mas antes volverão os rios aos montes
de que por mim essa madeira verde
se incendeie, à maneira de uma dama;
eu que por gosto dormiria em pedra
todo o meu tempo e pasceria a erva,
só para ver-lhe as vestes fazer sombra.

Por mais que os montes façam negra a sombra,
sob a beleza verde a jovem dama
a faz como sumir, pedra sob erva.

Enquanto li estes versos, quase me arrependi de não os ter feito acompanhar — sabem de quê? — de imagens da cidade de Florença. É que, entre outras interpretações que têm sido dadas a estas *Rime per la Donna Pietra*, há uma que até certo ponto me convence: é a de que estas *Rime* sejam também — independentemente do cântico desesperado a uma determinada mulher — uma alegoria da própria cidade de Florença, cidade-mulher e cidade-pedra, muito mais de acordo, aliás, com o nome que tem em italiano — Firenze — que com a forma adocicada que nós outros, estrangeiros, habitualmente lhe damos: Florença, Florence, Florentz... Não! Para quem a conhece, ela é mesmo *Firenze*!, com todo o orgulho, agudo e pétreo, que existe nesta palavra... e para Dante — como veremos — bem orgulhosa, aguda, pétrea, veio ela a ser no fim de con-

tas. De qualquer modo, só o veremos na próxima semana. Agora, para terminarmos o nosso programa de hoje, apresentaremos ainda um excerto de mais outra das *Rime Petrose*; e apresentá-lo-emos já com as tais imagens de Florença (perdão! de Firenze...):

Amor, repara bem que esta senhora
de teu poder não cuida em nenhum tempo,
que de outras belas sempre se assenhora;
depois que se sentiu de mim senhora
pelo teu raio que em meu rosto luz,
de toda a crueldade ei-la senhora;
coração não terá como senhora,
mas como fera para o amor mais frio:
no tempo de calor ou no de frio
seu semblante me é sempre de senhora
que fosse feita de uma bela pedra
por mão de quem melhor talhasse pedra.

E eu, que mais constante sou que pedra,
vassalo da beleza da senhora
e teu, escondo o golpe dessa pedra
com que me deste como numa pedra
que te houvesse enfadado muito tempo,
e ao coração me foi onde sou pedra.
E ninguém descobriu nenhuma pedra
brilhando ao sol ou com sua própria luz,
de tamanha virtude ou tanta luz
que pudesse livrar-me dessa pedra,
que me vai arrastando com seu frio
para onde serei de morte frio.